



VII SEMANA
TEOLÓGICA
TEMA: "MEDELLÍN 50 ANOS:
MEMÓRIA, PROFECIA E PERSPECTIVAS"
DATA: 22 a 26 de Outubro de 2018



JONAS: UMA ABORDAGEM HERMENÊUTICA

Luciene Lima Gonçalves¹

RESUMO

O Livro de Jonas se encontra entre os Profetas na versão grega dos LXX e entre os Profetas menores na Bíblia Hebraica. O lugar do livro nas bíblias hebraica e cristã se mostra problemático pela dificuldade de identificar seu gênero. Os estudiosos se dividem quanto à sua caracterização: narrativa didática, novela, conto, sátira, ou parábola sobre a universalização da salvação. Partiremos da obra de Paul Ricoeur para uma abordagem hermenêutica, visto ser esse um texto metafórico. Nosso método de abordagem de Jonas está centrado no texto, é ele que nos dará a chave de compreensão do livro. Buscaremos interpretar sua mensagem e estratégia narrativa, visando a decifração do sentido pelo leitor. Confrontando o mundo do texto com o mundo do leitor somos abalados por um Deus contrário as expectativas do nosso protagonista e as nossas. Um Deus misericordioso capaz de perdoar até nossos inimigos.

Palavras-chave: Bíblia. Narrativa. Abordagem. Ricoeur. Sentido.

INTRODUÇÃO

Antes de iniciarmos nossa abordagem do livro deveremos entender melhor o que significa o método hermenêutico. Para isso faremos um breve percurso pela história da hermenêutica.

O método exegético histórico-crítico tem prevalecido no estudo da Bíblia. Ele analisa o texto de forma objetiva, preocupando-se com a história do texto, através da crítica textual, análise linguística e da crítica histórica. É um método de leitura importante e válido, mas, acreditamos que ele não consegue dar conta da compreensão total do texto. Por isso, tem sido muito importante o surgimento dos métodos de leitura sincrônicos: análise retórica, análise narrativa e análise semiótica.

A Bíblia não é construída a partir de conceitos, definições, elucubrações sobre Deus. Ela é tecida de histórias que contam como Deus se revela ao seu povo e da forma como o povo percebeu e narrou a manifestação de seu Deus na própria

¹Mestranda em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. É especialista em Estudos Bíblicos pela Faculdade Católica de Fortaleza (2015) Graduada em Teologia pelo Instituto de Ciências Religiosas - ICRE (2007). E-mail: lucienelima324@gmail.com

história. A fé judaico-cristã se constitui da recepção e transmissão constante das experiências vividas e narradas ao longo da existência humana. Por isso foi relevante o desenvolvimento da hermenêutica nos estudos bíblicos, abrindo os horizontes de compreensão do texto bíblico.

O Livro de Jonas na Septuaginta, ou Bíblia Grega, a mais utilizada desde o início pela Igreja cristã, está localizado entre os profetas. Embora tenha se percebido, há muito tempo, que ele não se enquadra nesse bloco. Na Bíblia Hebraica, encontra-se entre os “Profetas menores”, ou seja, entre os doze profetas. A conformação de Jonas nas divisões das bíblias hebraica e cristã se mostra problemática, porque é difícil identificar seu gênero. Ele não se enquadra entre os livros proféticos. Claro que sempre podemos pensar em Jonas como um anti-profeta. Os estudiosos estão divididos quanto à sua caracterização, qualificam-no como narrativa didática, novela, conto, sátira, ou, ainda, como parábola sobre a universalização da salvação.

Além disso, a obra representa uma grande mudança de mentalidade do povo judeu acerca da abertura da salvação aos povos pagãos. Uma ruptura tão grande não seria facilmente compreendida, a não ser de forma metafórica, ou seja, uma história contada de forma a transmitir melhor uma mensagem.

1 O QUE É HERMENÊUTICA

No séc. XIX tivemos uma importante contribuição para o desenvolvimento da Hermenêutica geral com Schleiermacher. Até então o problema dessa disciplina estava relacionado as dificuldades encontradas na compreensão das leituras dos textos. O ponto de partida de Schleiermacher é a pergunta: “O que, em resumo, significa compreender?” (Pelletier, 2006, p.57). A busca de compreensão passa por dois momentos: objetivo, aquilo que deve ser compreendido, e subjetivo, o sujeito como leitor e intérprete. O problema da interpretação passa pela linguagem.

A compreensão é então uma interpretação que leva em consideração o elemento objetivo, o texto, e o sujeito que procura o sentido do texto. Para nosso autor chamado de fundador da Hermenêutica geral “interpretar é uma arte”. Ele elaborou uma teoria prática da interpretação que possuía duas vertentes: uma interpretação linguística ou gramatical, relativa ao objeto textual e uma interpretação “psicológica” que ele denominou “técnica”, essa está interessada na relação entre o autor e o leitor. Schleiermacher acredita ser necessário “compreender o autor mais



do que ele mesmo se compreendeu”, ou seja, identificar-se com o autor com suas aspirações, motivações e pretensões presentes na obra que ajudariam na sua decifração. Uma das contribuições de Schleiermacher foi que a Bíblia deixou de ser considerado o paradigma de compreensão para todos os textos literários e passou a ser um caso particular no âmbito geral da hermenêutica vista como disciplina.

Wilhelm Dilthey vai levar a problemática hermenêutica da filologia e exegese à história. Devemos situá-lo no contexto da cultura alemã com a invenção e todo o status de ciência conferido à história. Segundo Ricoeur, Dilthey traz à tona o problema da inteligibilidade do histórico. Em sua obra há uma oposição radical entre explicação da natureza, ligada as ciências da natureza, e a compreensão, relacionada as ciências do espírito. Ele intenta fornecer ao conhecimento histórico uma dimensão científica, uma metodologia própria. Seria aqui a hermenêutica uma epistemologia.

Martin Heidegger no séc. XX desloca a hermenêutica da epistemologia para ontologia com a questão: “qual o modo de ser do ser que só existe compreendendo?” A compreensão aqui não está ligada a posse de algo, mas a uma apreensão de uma possibilidade de ser (Ricoeur, *Do texto a acção*, 1989, p.98). Heidegger define sentido na teoria do círculo hermenêutico, afirmando que em toda compreensão há uma pré-compreensão, que se entenderia como um estar presente no mundo.

Com Hans George Gadamer continuamos trilhando essa tradição fenomenológica e a questão com a qual se debaterá é “O que é compreender?”. Para ele a linguagem está no princípio da reflexão, pois, é nela que habita a verdade. A linguagem da experiência humana é mediadora, revela minha pertença a tradições culturais que passam por interpretações e decodificações. (Ricoeur, *Do texto a acção*, 1989, p.106). Gadamer também nos apresenta a ideia de fusão de horizontes, essa consiste que na compreensão de uma obra temos o horizonte do autor e do leitor que se encontram como participação e distanciação.

2 PAUL RICOEUR E A SUA COMPREENSÃO DA HERMENÊUTICA

Para ele a hermenêutica procura a descoberta do sentido para esclarecer a existência humana. Esse deve ser buscado não através da consciência, mas, da linguagem, menos pelo que ela diz e mais pelo que ela esconde. A tarefa da



hermenêutica seria decifrar os comportamentos simbólicos do ser humano. (Paul Ricoeur e a Hermenêutica, artigo)

A hermenêutica de Ricoeur é centrada nos textos, ele tem amplo conhecimento do trabalho dos linguistas, tais como Saussure, Jakobson, Benveniste e outros. Além dos estudos da semiótica dos anos de 1970. Para nosso autor a primeira tarefa da hermenêutica é procurar no próprio texto, sua dinâmica interna que norteia a estruturação da obra. A projeção externa é o poder que a obra tem se projetar para fora de si mesma e engendrar um mundo que seria o mundo do texto, ou a coisa do texto. Essa compreensão hermenêutica de Ricoeur tanto se aplica ao âmbito filosófico como ao bíblico.

Esse breve percurso foi necessário para acompanharmos o desenvolvimento da compreensão da tarefa da hermenêutica até aportarmos no pensamento hermenêutico ricoeuriano que é o que norteará nosso itinerário de abordagem do Livro de Jonas. Para isso vamos nos apropriar da interpretação dos textos bíblicos feitas por Ricoeur e aplicaremos ao texto de Jonas.

Ricoeur parte da narratividade dos textos para definir a identidade dinâmica do texto (Ricoeur, 2006, p.118). Elencaremos as quatro teses postuladas por ele, depois iremos analisar Jonas levando em consideração sua compreensão hermenêutica.

1. É o tecer da intriga o paradigma de toda síntese do heterogêneo campo narrativo.

Quando Ricoeur explicita o tecer da intriga, ele se refere ao caráter processual da intriga. Ele parte de Aristóteles que afirma que a intriga é um arranjo de acontecimentos realizados de maneira inteira e completa. Segundo Ricoeur a síntese do heterogêneo significa a função mediadora da intriga. A intriga parte de diversos acontecimentos ou peripécias colocados em uma história inteira. Um acontecimento não pode ser apenas uma ocorrência, ele contribui com o desenrolar da intriga. Mas, a história também não pode ser um acúmulo de acontecimentos em ordem sucessiva sem um todo inteligível que facilite o reconhecimento do tema da história. Os principais traços que acompanham o tecer da intriga são bem heterogêneos, são eles: as circunstâncias, os atores, as intenções, os meios, os resultados acidentais. Ricoeur cita o historiador francês Paul Veyne que define a intriga como a unidade dinâmica de fins, meios e contingências (Ricoeur, 2006,



p.119). Essa unidade dinâmica permite identificar o processo de descoberta que partirá da pergunta sobre o que está sendo contado. Outro elemento que deve ser considerado é a dimensão da temporalidade. O tempo enquanto sucessão pura dos fatos, que seriam as peripécias da história, por outro lado o tempo como integração de todos os fatos narrados. O tempo entendido como aquele que passa, sucessão de fatos, e o tempo como aquele que permanece, perdura em meio ao transitório. Temos aqui a identidade temporal.

2. A segunda tese de Ricoeur se relaciona com o estatuto epistemológico da inteligibilidade apresentada pela configuração da tessitura da intriga, para ele a inteligibilidade narrativa possui mais afinidade com a sabedoria prática do que com a razão teórica.

3. A terceira tese afirma que o esquematismo narrativo possui características próprias da tradição, ou seja, tem paradigmas, a forma, o gênero e os tipos, mas está aberto a inovações.

4. Para a quarta tese a identidade do texto narrativo não se limita ao “dentro do texto”, ela emerge de dentro, o mundo do texto para o mundo do leitor.

3 UMA ABORDAGEM HERMENÊUTICA DO LIVRO DE JONAS

No livro de Jonas temos uma narrativa didática, satírica com uma forte mensagem teológica. Inicia nos moldes dos relatos vocacionais proféticos do Antigo Testamento, mas, aqui temos o “profeta desobediente” ou o antiprofeta. Ele é apresentado como um profeta do sec. VIII que viveu no tempo de Jeroboão II (2Rs 14,25) no Reino do Norte. Apesar dessas informações, não dispomos de dados topográficos e cronológicos confiáveis. Estamos diante de uma narrativa criada a partir de vários elementos da tradição profética com o intuito de instruir o povo sobre a bondade e a misericórdia divinas.

O segundo capítulo é um salmo de ação de graças com sua estrutura característica: relato dos sofrimentos passados, clamor e a libertação.

Há um consenso entre os pesquisadores desse livro que esse salmo foi uma interpolação, colocada depois da obra concluída. Todo o livro é em forma de prosa e aqui surge uma poesia, além de apresentar um Jonas orante, bem diferente do nosso teimoso personagem da prosa.



A narrativa do livro de Jonas nos apresenta um homem chamado por Deus para ir até uma cidade chamada Nínive, seu nome é Jonas, ele deveria profetizar contra o mau procedimento daquele povo, lá anunciaria sua destruição. A trama narrativa se desenrola ao redor da fuga desse personagem da presença de Deus para não realizar sua missão.

O tecer da intriga da narrativa de Jonas está estruturado de forma que os acontecimentos ou peripécias do nosso personagem não se constituem em uma mera sequência de fatos, mas num todo compreensível aos leitores. Temos a fuga de Jonas para Tarsis, depois sua expulsão e lançamento ao mar, ele é engolido por um animal marinho, depois vomitado. Após essas aventuras decide finalmente cumprir a missão dada por Deus a ele. Dirige-se a Nínive, chegando na cidade profetiza sua destruição, mas o que ocorre é o arrependimento coletivo da população de Nínive.

No desenrolar dessa intriga observamos que os personagens: os marinheiros, o comandante do navio, a população de Nínive. Os meios: um navio indo para um lugar distante, o animal marinho que surge do nada. A intenção do protagonista, o personagem Jonas que tenta fugir, mas acaba sendo lançado ao mar, ao ventre do animal e depois vomitado. Todos esses elementos nos revelam que estamos diante da unidade dinâmica da intriga. Ao observar como a interação desses vários elementos nos ajudam a identificar qual o tema dessa história: um homem que tenta escapar da realização de uma missão que se dá num tempo cronológico e permanente de ação.

Temos uma dificuldade na identificação do gênero da narrativa do livro de Jonas, conforme dito antes. Ele possui elementos que poderiam confundi-lo com o livro profético, pois temos um chamado divino para realização de uma missão: anúncio da parte de Deus por meio do profeta, da destruição de uma cidade pecadora. Mas, ao contrário do comportamento tradicional dos profetas em atender os apelos divinos (Is 6,1; Jr 1,1, ss), temos a fuga da missão. O livro se insere na tradição profética e ao mesmo tempo inova, pois, o personagem não age de acordo com o que é esperado dentro do desenrolar da trama. Nosso personagem identifica-se mais com um antiprofeta, ou seja, faz exatamente o contrário do que é esperado de um profeta.



É uma obra que também pode ser identificada como uma novela ou parábola, mas, não se consegue um consenso, porque ela não se limita aos esquemas pré-estabelecidos, as estruturas próprias desses gêneros. Está sempre aberta a uma outra compreensão.

Por último a identidade do texto, o que ele é está para além do seu ambiente interior, o dentro do texto. Pela leitura do texto descobrimos uma interação entre esses dois mundos o do texto e o do leitor. Por mundo do texto, entendemos o mundo apresentado pela história que se desenvolve a frente do texto. O mundo do leitor é o mundo efetivo, real onde o leitor se encontra, onde pela leitura recebe uma pro-posição ou pro-jeto de mundo vindo do texto.

Qual é o mundo apresentado pela narrativa de Jonas? Um mundo que se descortina diante do nosso protagonista é um mundo incerto, no qual suas crenças em um Deus justo, parecem ser abaladas por um ato de misericórdia desse Deus, que se apresenta contrário as expectativas do nosso herói. Como o leitor de hoje poderia ler o seu mundo marcado por unilateralismos, fechamentos, confrontados pelo mundo do texto? É possível a busca pela compreensão do ser humano decifrando os símbolos presentes nessa narrativa? Acreditamos que uma leitura hermenêutica de Jonas possa nos descortinar novos horizontes na nossa compreensão pessoal e comunitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da tarefa hermenêutica ricoeuriana que está inscrita na busca pelo sentido da existência humana fizemos uma abordagem hermenêutica da narrativa de Jonas. Observamos que o que Ricoeur identifica como o tecer da intriga na construção da identidade dinâmica do texto é reconhecido dentro da narrativa de Jonas. Partindo dos elementos por ele apresentados percebemos essas características na nossa narrativa. Todos os elementos da intriga estão a serviço da explicitação do tema dessa história.

Um dado importante é o encontro do mundo do texto e o mundo do leitor proposto por Ricoeur. É o compreender-se diante do texto, a compreensão de Deus por Jonas, passa por uma desconstrução e reconstrução da sua imagem nessa relação que se dá de maneira passional de ambas as partes. Há o mundo de Jonas e o mundo proposto por Deus, na interseção desses dois mundos acontecerá a



revelação das identidades de Jonas e de Deus. Essas duas existências são marcadas por esse encontro profundo. Assim também ocorrerá no encontro dos dois mundos o do texto e do leitor.

REFERÊNCIAS

ALTER, Robert, KERMODE, Frank (org.). **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: EditoraUnesp,1998.

DE MORI, Geraldo. A teoria do texto e da narração de Paul Ricoeur e sua fecundidade para a teologia. In: **Teoliterária**, V. 2 - N. 3 – 2012.

PELLETIER, Anne-Marie. **Bíblia e hermenêutica hoje**. São Paulo: Loyola, 2006.

RICOUER, Paul. **Do texto a acção**: ensaios de hermenêutica II. Porto: Rés, 1989.

_____. **A hermenêutica bíblica**. São Paulo: Loyola,2006.

